

CADERNOS DO SERTÃO



ISSN 2674-7391



Dezembro 2021

CADERNOS DO
SERTÃO

Revista literária e cultural

ISSN 2674-7391

Edição especial

Dezembro 2021

CADERNOS DO~
SERTÃO



Textos em português

Feira de Santana, Bahia ,Brasil

Cadernos do Sertão

Revista literária e cultural

Diretor :

Humberto de Oliveira

Projeto gráfico :

Ronaldo dos Santos da Paixão

<https://revistacadernosdosertao.wordpress.com>

Cadernos do Sertão

Revista literária e cultural

Comitê de leitura

Abdelaziz Amraoui

Alain Vuillemin

Aleilton Fonseca

Alessandra Fernandes

Alex Fabiano Jardim

Ales Vrbata

Ana Claudia Pacheco de Andrade

André Luís Souza Carvalho

Angelo Riccel Piovischini

Antonio Wilson Silva

Ayaovi Xolali Moumouni-Agboke

Beatriz Souza Lima Oliveira

Beto Freitas

Beto Perazzo

Celeste Maria Pacheco de Andrade

Christine Jacquet

Cristina Santoro

Elaine Costa

Elaine Cristina Matos

Eliseu Couto

Fábio Santana Nunes

Fabrice Galvez

Humberto de Oliveira

Jéssica Almeida

Jorge Luiz Nery

Jorge Virchez

Julien Dourgnon

Luciana Lima

Luis Resende

Marie-Rose Abomo-Maurin

Nilo Henrique Neves dos Reis

Orlando Sampaio

Pauline Champagnat

Rodrigo Pamponet

Sergio Levenfous

Takiko Nascimento

Ulisses Macêdo Júnior



RAZÕES DE SER DE UMA REVISTA CHAMADA CADERNOS DO SERTÃO

Cadernos do Sertão está sendo construída para ser uma revista livre e independente a serviço da divulgação da produção artística e cultural de não importa qual sociedade, desde que seja em uma das duas línguas oficiais da revista: o português e o francês, e para isso a revista tem como principal ferramenta a tradução.

E, traduzir, pensamos, é uma das mais humanas e por isso mesmo heroica, tentativa de se aproximar do outro, de tentar criar pontes, através do diálogo, atravessando, na medida do possível, a zona desconhecida e incomensurável da opacidade do Outro nesta embarcação chamada linguagem.

Claro que sabemos dos limites da traduzibilidade, e não vemos como necessária esta busca obsessiva de dizer o outro. Muito pelo contrário, ao tentarmos traduzir, isto é, ao trazermos a língua do outro para outra língua, o que queremos é permitir a este Outro que seja escutado na língua de chegada, na língua de recepção, e assim, seja efetivada a tradução como ponte, passagem entre lugares-culturas distintas e por vezes muito distantes.

Traduzir, para nós, é tornar possível o diálogo na Babel, unir o que antes separava, colocar frente a frente, em condições quase totalmente simétricas, o que parecia impossível ou incongruente.

Enfim, ao enfatizarmos a tradução como método e estratégia de nosso trabalho de edição desta revista, pensamos que agimos para, efetivamente, criar condições para um enriquecimento da cultura receptora e para o conhecimento da cultura da língua fonte.

Por isso, numa orientação benjaminiana, optamos por seguir uma linha metodológica de tradução “que se permite, enfim, perseguir “*um curso próprio de acordo com as leis da fidelidade na liberdade de fluxo linguístico*” (BENJAMIN, *apud* GENTZLER: 2009, p.221) [...] (*um modo de escrever*) que não deve aliança alguma à fonte, tampouco ao receptor, mas goza de uma espécie única de liberdade. [...] permitindo não apenas “[...] liberar a língua aprisionada dentro de uma obra” mas também fugir do “encantamento” da própria língua” (GENTZLER, *ibid*,p.244-245).

Claro que recusamos qualquer proposta pregando uma espécie de hegemonia cultural ou linguística que poderia sugerir uma hierarquização das línguas, no seio da qual a língua francesa seria considerada como a mais prestigiosa, ou a mais elaborada. Tampouco negaremos o fato que durante muito tempo as línguas europeias, a francesa inclusive, tentaram sufocar as línguas dos povos ditos não-civilizados, não europeus e até mesmo daqueles, no seio do próprio continente europeu, que eram considerados não suficientemente “desenvolvidos” ou “civilizados”.

Na realidade, contra um pensamento etnocêntrico que nos indica quase sempre a impossibilidade de encontrar um espaço intermediário entre duas noções aparentemente determinantes (ou A ou B), o que impede toda possibilidade de escapar ao binarismo marcando este pensamento fundado nas ideias de identidade, alteridade e cultura, onde se ancora uma mentalidade incapaz de se abrir ao Outro, a urgência da formação de uma nova mentalidade torna-se incontornável para escapar a este binarismo que condena uma grande parte da humanidade a continuar dividida entre “nós” e os “outros”.

Para escapar destas oposições binárias, uma das mais evidentes soluções, parece-nos, é aquela que nos permite a abordagem comparatista que torna possível a articulação de pontos convergentes, o estabelecimento de relações entre dois ou vários elementos que nem sempre parecem visíveis ou evidentes. Enfim, compreendemos que no aparente caos, no que se chama “crise”, existem inúmeras potencialidades de (re)criar, de (re)pensar, (re)definir não apenas os objetivos, mas de procurar e encontrar os próprios sentidos da existência e, claro, de nossos projetos mais significativos.

Entretanto, mesmo diante desta convergência temática, tratando-se da diversidade das culturas e de suas incontáveis línguas, a ignorância, ou até mesmo a impossibilidade real de compreender e de conhecer estas línguas, podem, por vezes, se transformar em fronteiras difíceis de superar.

É por esta razão que escolhemos a língua francesa enquanto ferramenta privilegiada para estabelecer as pontes entre as culturas mais variadas, as mais diversas, as sociedades humanas as mais longínquas e não menos ricas que puderam ser conhecidas graças à língua francesa tornando possível a transmissão de outras culturas, como a cultura *créole*, por exemplo.

Enfim, se propugnamos a revista como livre é por ser uma revista que quer romper com o pensamento colonial que hierarquiza o conhecimento, etiqueta a produção artística e estabelece lugares pré determinados onde alocar bens, serviços e produtos; que diz o que pode e o que não pode ser, o que combina com quê e o porquê deve “combinar” ou não combinar. Que hierarquiza seres entre mais ou menos, bons ou maus, que se fundamenta na disjunção e assim separa, seleciona, e legitima exclusões...

Que fique claro que se consideramos que a revista deva ser independente, e que deva se constituir um veículo de comunicação que não se filia a nenhuma instituição, nem pública, nem privada, e que, por isso, reivindica para si a autonomia da escolha democrática não apenas de seu corpo de redatores, como também da própria seleção de seus colaboradores eventuais ou permanentes.

Para que isso se torne possível, para que seja realmente livre e independente, é importante que sejam observadas determinadas condições:

1. **sem senhores**, de dentro ou de fora, não precisamos ter pressa. Não somos carreiristas, não temos contas a prestar a nenhum chefe, a nenhuma burocracia.

2. **sem prazos ou metas**. Quantos números terão a revista anualmente? Não sabemos. Tantos quantos forem os textos, os temas, os autores, as propostas, as disponibilidades de revisão e de editoração. Não disputamos espaços, nem pontuação, nem quaisquer outras medidas de avaliação, não concorreremos a nenhuma premiação., não temos nenhuma meta a cumprir, nenhum relatório a fazer.

2. **sem a reprodução de velhos cânones que possam legitimar a censura, enfim, com o pleno reconhecimento do direito de escrever**. Consideramos um direito fundamental dos homens e mulheres, desde a infância, o direito de escrever. Escrever o quê? O que quiser. Uma página de um diário? Sim, por que não? Uma crônica. Um poema. Um relato de experiência. Uma receita culinária. Uma mezinha para cura de alguma doença. Um mantra...Um conto, uma novela. Um romance...

3. **Enfim, a revista se propõe a ser como um grande sarau aberto ao público** onde cada assistente possa se manifestar, permitindo a livre expressão das subjetividades...um sarau com muitas e diversas vozes que podem ser escutadas através da linguagem escrita ou imagética, pois também podemos divulgar desenhos, pinturas, fotografias, gravuras...

Não é sem razão que ao ser pensada com o título *Cadernos do Sertão* e ser veiculada *online*, com recursos tecnológicos de última geração, esta revista se mostra como um exemplo de ultrapassagem de fronteiras. Se o nome *Sertão* remete ao mais longínquo, ao mais distante rincão do espaço geográfico, logo longe da modernidade que a vida urbana simbolizaria, no entanto, a revista pode ser acessada em qualquer lugar, não importa onde esteja quem por ela se interesse, e em duas línguas: em língua francesa e/ou língua portuguesa brasileira, e assim, também, supera barreiras, vence dicotomias: é Sertão, sim, mas com alta tecnologia e com acesso tanto às linguagens mais

tradicionais, quanto às mais inovadoras, e aberta para o estrangeiro, chegando até o estrangeiro, ao mais longínquo, ao mais distante que assim, pode ser aproximado e aproximar.

**APOIE NOSSA REVISTA
FAÇA UMA DOAÇÃO**

PayPal Brasil :

2008humberto@gmail.com

PIX :

2008humberto@gmail.com

SUMÁRIO**Humberto de Oliveira**

*AO JOGO BONITO QUE NOS ENSINA A SER E A VIVER JUNTO, NOSSA HOMENAGEM
E RECONHECIMENTO*..... 11

Ramanujam Sooriamoorthy

...E PERTO DO BRASIL..... 14

Julián Scher

AS FIGURINHAS DE SANTORO37

Roberto Jorge Santoro

O FUTEBOL..... 39

Roberto Jorge Santoro

MINHA PÁTRIA ESTÁ VIVA..... 41

COLABORADORES43





Album de figurinhas com a seleção brasileira de 1958

AO JOGO BONITO QUE NOS ENSINA A SER E A VIVER JUNTO, NOSSA HOMENAGEM E RECONHECIMENTO.

Humberto de Oliveira

A sociedade contemporânea, em escala quase planetária, tem dado provas de uma crescente ausência de compaixão ou empatia, sem esconder a intolerância e a intransigência na relação com o Outro, não importa seu gênero, classe social, etnia, religião, sexo...

Toda a inovação tecnológica não tem sido capaz de oferecer condições para a inibição ou desaparecimento das vozes que urram discursos de ódio e de ressentimento. Ao contrário, beneficiando-se das múltiplas redes disponíveis, escondendo-se sob avatares falsos, propagadores de infâmias e perversões difundem discursos que incitam à violência física ou psíquica, na tentativa de, pela intimidação ou sedução, impor comportamentos e visões de um suposto mundo de falsa segurança.

É em tempos assim, então, - onde o pandemônio social, provocado por más governanças, consegue se acirrar diante de pandemias que parecem incontroláveis - que mais do que nunca se faz necessário soprar sobre as cinzas do desencanto e despertar as centelhas de esperança adormecidas nos corações e mentes de uma parte da humanidade que tem ânsias de contribuir para a (re) construção de um mundo mais justo, onde a fraternidade, a igualdade e a liberdade sejam ainda devisas para os pactos sociais.

Nosso objetivo, ao lançarmos este número dedicado ao FUTEBOL é tornar visível a importância da prática deste esporte como uma das estratégias mais eficazes e eficientes para possibilitar duas

condições básicas para uma educação emancipadora: aprender a ser e aprender a viver junto, uma aprendizagem lúdica e essencial para a formação da cidadania inclusiva, da cidadania planetária, na medida em que, no campo, disputando a bola, sob regras previamente conhecidas e aceitas, cada brincante enquanto joga, descobre sua potência e reconhece seus limites, aprende a colaborar para atingir o objetivo final que é partilhado por todos e pode se resumir na alegoria do verso final do poema de Ramanujam : *o clamor na hora do gol*, não importa se no estádio, na praça, na rua, no campo, na praia, sob o sol ou sob a chuva... Unem-se os jogadores pois para jogar o jogo bonito tem que aprender a ser e a aprender a viver junto.

Para todos e todas que acreditam nas possibilidades de construção de uma sociedade mais igualitária onde prevaleçam a solidariedade e a responsabilidade social, aos que lutaram, como o poeta Roberto Santoro, com seu poema que bem sintetiza o futebol ballet, evidenciando a relação de sensualidade entre jogador e bola, ele próprio sequestrado pela ditadura militar na Argentina; ou ou como os brasileiros Sócrates, ou ainda o argentino Maradona, ou para quem, no presente momento, como o poeta Ramanujam Sooriamoorthy que nos oferece sua potente reflexão filosófica em seu belo poema todo em verso e prosa sobre a potência e a glória do futebol brasileiro, o futebol enquanto *jogo bonito*, que o distingue do jogo comum, e que vai fazendo escola no mundo a fora, nossa homenagem e acima de tudo nossa gratidão!



...E PERTO DO BRASIL¹

Ramanujam Sooriamoorthy

Diante da obtusão que, sempre, sem dúvida, e em qualquer lugar, independentemente de tudo o que aconteça, inocentemente ou não, poder-se-ia contribuir ativa ou passivamente, sendo ou não da vontade daqueles, não importa quais, que aí encontrassem algum benefício a colher, esquecidos do escândalo dos quais são fatores desveltos e muito pouco conscientes, quando não seriam os promotores ardorosos, perfeitamente conscientes e nunca perturbados pela suspeita que algum tardio remorso provoque, atraia, tornando-a como inevitável mesmo, toda forma de cegueira, a mais corrente, o mais familiar sonho desde que então alusão lhe seja feita praticamente não importa onde, nos mais diversos lugares, e nos mais variados ambientes, ali onde o acharia, por um acaso ou por motivo bem preciso, ou até a mil léguas deste lugar que, como não importa qual outro, não fosse menos o lugar de tantos lugares comuns, o lar de múltiplos preconceitos, a fonte, sempre diferente e, no entanto, sempre a mesma, de clichês, de estereótipos transmitidos com esta espontaneidade embriagadora, nunca, ou então se raramente questionada, fizesse acreditar na irrefutável evidência, dir-se-á, certamente, santificada pela tradição, pelo passado, (pela morte?), de um sentido tornado, poder-se-ia dizer, natural, ou se preferir, pré-cultural, tornado, que se tornou, pelo jogo de um auto-cegamento inconsciente, por vezes consciente também, natural ou pré-cultural, como se o sentido regularmente associado ao estereótipo, que não é o sentido da própria palavra, tivesse, desde a noite dos tempos, quando ele mesmo (o dito sentido), tivesse apenas a idade do último gracejo de um

¹ Fragmento do poema *El grito* do poeta uruguaio Emilio Oribe

demagogo bêbado desejoso de fazer sufocar de rir algumas jovens encontradas ao longo da Reeperbahn e convidadas por ele a passar a noite em sua suíte contra milhões de dólares retirados do caixa do Tesouro público de seu país, fosse de toda forma sombrio ou divino, em todo caso mágico, depositado no coração da relação (imaginária) entre o estereótipo e a realidade que ele deveria refletir, com a qual ele terminou, no espírito da maioria das pessoas, dos "homens tradicionais" de Nietzsche, daqueles que, ao contato da multidão, desaprenderam a consentir do esforço de pensar, que acreditam que a verdade é a soma dos erros transmitidos pelos séculos passados, autenticados pelas gerações de ontem e venerados por aquelas de hoje, incapazes, elas também, de questionar, de perguntar, ainda mais de colocar em dúvida a herança recebida cuja autoridade é tal, e seus guardiões tão lamentáveis, como todos aqueles que conhecem apenas a linguagem da violência – que sempre é preciso distinguir daquela da força, tanto mais que a operação não é facilmente realizável e que a confusão é sempre sabiamente mantida e visa a confundir as duas no iníquo objetivo de convencer que a violência é a força, e, reciprocamente, – podendo-se logo concluir que a violência, ou a autoridade, ou a lei (como se diz), ou a instituição, é a virtude, é a própria Razão (Robespierre), ou até mesmo o Espírito (Hegel ou Kojève), o passo é rapidamente ainda respeitadas e adoradas como sendo verdades eternas, da lei, da autoridade, do saber, da própria ciência, da virtude, e cuja maioria não via que elas não eram tão indiscutíveis, nem tão eternas, estas verdades que só triunfavam graças ao medo do guarda presente não apenas em cada esquina, mas até mesmo no mais profundo de si, que só sabe obedecer ao mais forte que ele, a se prosternar diante dele, a lambar seus pés, e fazer obedecer aqueles que são mais fracos que ele, para surpresa de todos, inclusive daqueles que secretamente acariciavam esse desejo, tendo sido demolidas, esmagadas aos pés e jogadas nas fossas, à essa antiga violência sucede uma outra, que o novo Terror se substitui ao antigo, assim mesmo, assim como o outro, continuando e se amplificando, pelo intermédio dos estereótipos, esses inimigos da (vontade e da necessidade de) lucidez, que, não se pode esquecer-lo, obedecem, eles também, a leis, a formas de necessidade, que mesmo tendo sua importância, trata-se de uma importância superficial, desimportante, mas sempre, parece, urgente, e mesmo para todo mundo, ainda que em permanência, muito felizmente, porque ele é quase inegável que o estereótipo é bem a condição de possibilidade do socioleto enquanto que linguagem comum, da linguagem enquanto que jargão que tal grupo, tal coletividade, tal sociedade cultiva em seu próprio seio para assegurar o que se convencionou chamar de a comunicação, a troca, mas em detrimento não apenas de um autêntico vínculo social, de um laço social de forma alguma subordinado à comunicação, à troca, à intercompreensão, mas mesmo de toda intersubjetividade, tudo se passando como se o reinado para a facilitação ou o conforto da comunicação – o que se acredita poder chamar assim, esquecendo que é porque são incapazes de comunicar que os seres humanos falam e que, como dizia Herder, « a linguagem foi dada ao homem para dissimular seu pensamento » – impedia de ver mais longe, interditava toda possibilidade de apreender (a aparência da realidade) de outra forma que por aquela que tem o ar de parecer e que

não se mediatiza (a aparência da realidade em questão), para comunicar, para se fazer compreender, exceto pela linguagem que se tem em comum, não apenas a língua –, que graças à *koinè*, à doxa, o que não seria tão grave se a *koinè* e a doxa, que se alimentam essencialmente do estereótipo, de clichês, fazendo obstáculo ao exercício que é o pensar, exercício do qual a extrema dificuldade explica, talvez, a necessidade que têm os homens de mentiras, da ficção, não da ficção enquanto exame, enquanto análise da realidade, mas da ficção enquanto incapacidade de ver, compreender e tomar o falso pelo verdadeiro, enquanto que vontade inconsciente de autocegamento pela preguiça, pela adesão, estrangida inicialmente, depois resignada e finalmente voluntária, ao que tem o ar de ser a ordem natural das coisas, o curso normal dos acontecimentos, da própria vida, ao que, cultural e pesado de todos os fardos de sua história na qual alguns, sem dúvida porque isso lhes fora conveniente, lhes convêm, acreditaram, acreditam ainda reconhecer a História enquanto que verdade no fundo, ainda que nele nada se veja (tolice? cegueira?), intemporal, a historicidade da História sendo transformada em verdade intemporal e universal, sendo tornada permanência do ahistórico sempre igual a si mesmo, indiferente à passagem do tempo, apesar das mutações, às perturbações bem reais cujos autores, os criadores (dos clichês, dos estereótipos) nada sabem, e cujos beneficiários tanto quanto suas vítimas nenhuma consciência têm, acreditando que a mudança muda, (que) é portadora de mudanças sem nada mudar e que somente os estereótipos persistem, as ideias preconcebidas que por mais que mudem, não deixam de ser apenas clichês, banalidades, ainda que não seja impossível, nem mesmo se infrequente, que o estereótipo seja submetido a uma sacudidela tal que ele fica como devastado, exterminado e que só, às vezes, subsista sua lembrança, longínqua, estranha, e não suscitando mais verdadeiramente emoção real, de modo que se torna possível pensar, falar, se comportar, agir diferente, de maneira que a revolução não desperta mais o simples sonhar, o fantasma, mas a realidade, a desconstrução, antes que a realidade, de seus efeitos alucinatórios (Gide, falando de Céline), deste “exército móvel de metáforas” (Nietzsche) do qual ela é constituída, atestado magistral ou lembrança imperiosa que face à obtusão que, para fazer face à obtusão, deverá ficar claro, constitui o supremo perigo – é preciso antes de tudo acabar isso – tarefa infinita e indefinida, diria sem dúvida Freud – com o estereótipo, do qual Barthes dizia que ele constitui certa “impossibilidade nauseante de morrer”, e, no Brasil, é graças ao futebol, não ao futebol como se compreende habitualmente, ao futebol inventado pelos ingleses e conseqüentemente pela política colonial, racista e imperial por eles praticada, exportado um pouco para o mundo todo e que é apenas, no início, apenas uma atividade de lazer, um hobby, um passatempo, antes de ser um esporte, uma variação do exercício físico cujo rigor é atenuado – atenuado e não eliminado, visto que uma codificação, que regras se revelam rapidamente necessárias no quadro de uma atividade, de uma disciplina esportiva que toma os ares de jogo no sentido plural que nele vê Caillois (logo em seguida, retorna-se a isso), – pela dimensão lúdica e o aspecto agônico nele dominantes, o que terá, na e para a evolução do futebol, um desenvolvimento de modo algum espantoso, a saber, a ênfase colocada no futebol como jogo, isto é,

como atividade ou espaço no seio do qual o indivíduo, sobretudo humano, – ainda que possa se tratar também de animal, e de quem não se sabe muito, no momento, o quê pensar – se encontra, sobre o modo lúdico e /ou competitivo, confrontado, real e/ou falsamente, a ele mesmo como outro jubilosamente durante a fase dita por Lacan do espelho, por exemplo, mas talvez que, durante a dita fase, antes que não tendo compreendido (ainda que nunca definitivamente ?) que a imagem que lhe reenvia o espelho é bem mesmo a sua e não aquela de um outro que nele se encontrasse hospedado, se encontra confrontado a outro como fonte de inspiração, o que dá lugar a um combate identificatório ou ainda a uma luta mortal, metaforicamente, mais frequentemente, mas que pode bem se revelar também real, quando o outro se constitui, com ou sem razão, real ou/ilusoriamente uma fonte, uma causa de hostilidade, e conseqüentemente se acha confrontado ao acaso como força a vencer, ao não-si, em geral também, que não é sempre que o não-si (e pode se tratar de si enquanto que um outro, de um outro ser humano também, de um animal, de uma planta, de um objeto, da Natureza em geral, logo de si mesmo enquanto si-mesmo ainda que dividido) como causa, como fonte, como objeto mesmo de prazer, de sensação agradável – Caillois reconhece, em sua tipologia dos jogos, sucessivamente, o *agôn* (o combate com e contra o outro) a *alea* (a luta contra o acaso), a *mimicry*, (atitude consistindo em diversos esforços visando a imitar, copiar, repetir, macaquear, plagiar completamente o outro) e a *ilinx* (a sensação, a espécie de vertigem, de sensação orgásmica que se apodera, no caso de uma atividade, de uma ação, de não importa o quê até o limite, do ser humano), mas pode-se muito bem e muito facilmente constatar que uma atividade, que uma ação, pode implicar ao mesmo tempo o *agôn*, a *alea*, a *mimicry*, e a *ilinx* – o que é o caso, por exemplo, e este é apenas um exemplo dentre outros, tratando-se do futebol – mas se o jogo, que não exclui nem o lazer, nem o esporte, parece gozar de uma perfeita autonomia, neste sentido em que o jogo valeria por si mesmo, que alguém seja um adepto do jogo pelo jogo, como seria um adepto da arte pela arte, para "a tortura e o prazer", para "a agonia e o êxtase" do jogo, é preciso reconhecer bem que ele rapidamente dá lugar a estas perversões que são o espetáculo, as apostas, os negócios, as partidas truncadas, a publicidade, a comercialização, o mercantilismo, a corrupção, perversões que, se elas não são, se não representam uma espécie de alienação do futebol, todo o interesse, toda a paixão que este esporte pode desencadear, este jogo, oscilando nas esferas que lhes são não apenas estranhas,mas antinômicas, constitui certamente um distanciamento do que se poderia não sem algum abuso, diriam talvez alguns, e não sem razão, sem dúvida, chamar o espírito, a alma, ou ainda a essência do futebol, e significam tanto mais seguramente uma negação do que conviria nomear de o mistério, ou a magia, ou o milagre, ou ainda o feérico do futebol brasileiro, tanto mais é verdadeiro que o futebol brasileiro é bem mais que o futebol que ele é, para retomar, desviando-a levemente, uma célebre palavra de Groucho Marx, no futebol, o que a justiça é para a justiça militar, porque se não se pode negar que as origens do futebol, do futebol moderno que é preciso distinguir de práticas anteriores que seriam como as predecessoras não sejam brasileiras, e que este esporte, este jogo, tenha sido exportado, "bem

longe, lá (para o) Brasil”, por colonizadores, invasores que ali teriam chegado tendo por objetivos a exploração, a submissão e a dominação e que, após terem, uma vez que eles praticavam diversas formas de segregação, proibido ao povo da terra, aos colonizados – estes seres, aos seus olhos, inferiores e não servindo para mais nada senão como escravos – a honra de tocar com o pé numa bola em sua companhia, os tenham aceitado, por falta de jogadores, a contra gosto, gradualmente, e não sem tratá-los com a maior violência, insultando-os e os espancado com golpes às vezes mortais, por poucos que fossem, eles, fisicamente, empurrados, fosse acidentalmente, durante o jogo, o que levou esse povo (que ainda não tinha os meios de se considerar como sendo brasileiros e que, graças ao futebol, ao poder unificador, neles e para eles, do futebol, iriam, logo cedo poder dizer e, até mesmo se proclamarem brasileiros), para não sofrer os golpes de adversários desumanamente cruéis porque convencidos de sua superioridade, a inventar o drible à brasileira e fazendo isso, não se poderia tampouco negá-lo, a revolucionar o jogo para fazer alguma coisa de muito diferente do que tinha sido e era, alguma coisa que era, mesmo, reconhece-se unanimemente, como estranho, alguma coisa de novo, muito mais belo, muito mais espetacular e bem mais impressionante, e é assim que nasceu o futebol brasileiro, o futebol samba que mais tarde Didi e não Pelé, como em geral se acredita muito apressadamente, iria chamar de o jogo bonito, rapidamente se tornaria o próprio futebol, o verdadeiro, o autêntico, o único, o insubstituível que todos aspiravam e aspiram a imitar e a dominar, mas que apenas os brasileiros tinham e ainda têm o segredo, mesmo se se pode ver algumas vezes, mas muito raramente, é preciso acrescentar, não-brasileiros praticarem este futebol – e a razão é que talvez, o futebol, no Brasil é para os brasileiros, para o povo brasileiro, verdadeira criação brasileira, e, enquanto está sendo, como pode constatá-lo um pouco em todo canto, lá, também, um passatempo, um *hobby*, um esporte, um jogo, muito mais que isso, bem melhor também, não apenas uma religião que com certeza é, ou uma arte, o que é indubitavelmente, mas uma arma, uma revolução, a expressão da identidade de todo um povo – pois todos os brasileiros participam ativamente da festa do futebol, mesmo se não jogam bola, – dizendo ao mundo que o futebol é o Brasil, e o Brasil, o futebol, após ter ridicularizado e humilhado os colonizadores levando-os a admitir que eram inferiores face ao Brasil, na prática de um esporte do qual queriam, eles, os inventores, do qual eram efetivamente os inventores, sem verdadeiramente ousar lhes dizer aberta e diretamente a eles-mesmos de viva voz, preferindo lhes devolver seu jogo transformado, tornado (o jogo) estrangeiro a ele próprio – o futebol tenha se tornado um outro jogo e outra coisa mais que um jogo – como para eles mesmos, e assim fazendo, o que era apenas um jogo– uma atividade completamente banal, frívola – um canto permanente de libertação, como o emblema de um povo, o orgulho de uma nação tornada uma graças ao futebol, lembrando sempre, mesmo em seus piores momentos, quando o Brasil perdia, contra toda expectativa e para a consternação de todo um povo, uma partida, que só havia o futebol brasileiro, porque ele não ignora, este povo, que o sonho de todo jogador de futebol é de conseguir jogar como

um brasileiro, como Pelé ou Garrincha, e de conhecer, um jogador, a felicidade total, suprema, de marcar um gol no Maracanã, mas que sabe muito mais ainda, no fundo de seu ser, este povo para quem o futebol é uma interminável festa, que o futebol é a arma que lhe permitiu conquistar sua dignidade e sua liberdade, porque aí o futebol, para cada brasileiro, é como o grito de liberdade, e não de dor, do Blues nas lavouras de algodão, que diz "não" à escravidão, que afronta o escravagista e nega o estado de assujeitamento do escravo, ao inventar uma música nova, um novo canto que até mesmo os brancos (como se diz) são capazes, como nos mostra Janis Joplin, por pouco que cheguem a se impregnar do espírito, da alma do *Blues* – o que, diga-se de passagem, somente os brasileiros souberam, tratando-se do futebol samba, fazer até aqui, ainda que tenha tido na história do futebol outros jogadores não brasileiros totalmente fascinantes –, é Césaire, sobretudo Césaire, e Senghor também, remetendo ao espoliador incrédulo, furioso, mas assim mesmo maravilhado e admirativo, sua língua transformada, controlada, dominada, como ele jamais soube fazer, nem sonhado em fazê-lo, sua língua doravante estranha a ela mesma, não menos que a ele, uma língua outra e como que desconhecida – assim como o futebol brasileiro cortado de suas origens longínquas, abolidas por seus próprios cuidados, não faz sonhar com o seu ancestral – posto que embelezada, aperfeiçoada, animada por um sopro e um ritmo que lhe eram até então desconhecidos, salvo em Lautréamont (nascido no Uruguai) e com Sollers que a isto chega por outras vias das quais se é tentado a dizer que elas lhe são próprias, e em Sartre também que, antes de Sollers, mas ao contato com Fanon, escreveu com dinamite um prefácio aos *Condenados da terra*, e mesmo se, no Brasil, o futebol não tenha podido se libertar inteiramente de seus aspectos tão pouco brasileiros ou não brasileiros, a saber, o passatempo, o *hobby*, o esporte, o jogo, a competição, o espetáculo, as apostas, as partidas truncadas, o business, a corrupção, os brasileiros também não escapam, para o Brasil, para o próprio universo, o futebol, enquanto que brasileiro, é, sobretudo, e antes de tudo, o próprio Brasil, não simplesmente (tanto é que lhe seja permitido acrescentar este advérbio) sua alma, não apenas seu emblema, ou seu símbolo, no que o representa, se bem que ele abranja tudo isso igualmente, mas o país concreto, sua História que é aquela de uma população heteróclita se transfigurando em povo, depois em nação pelo favor da potência unificadora da magia, a sua própria, do futebol que, alhures, é apenas um jogo ou um esporte que, por mais sublime que seja no imaginário das pessoas ávidas deste espetáculo, tendo necessidade de ilusões e sobretudo de ídolos e de heróis com os quais poderão se identificar, nem por isso é menos fútil, besta, mesmo, e, francamente ridículo, mas que, no Brasil, é sinônimo, melhor que a metáfora, de um povo que nele se identifica e nele se reconhece, para esse que, o futebol, nele terá, no Brasil, todas as distinções, quaisquer que forem, étnicas, religiosas, raciais (associadas à cor da pele), econômicas, sociais, culturais (quase) inteiramente apagadas, sem nunca degenerar em clichê, visto que ele sempre é imprevisível, que não existem duas partidas que se assemelhem, que o jogador, que provavelmente jamais entendeu falar de Heráclito, não joga nunca duas vezes da mesma maneira, pela razão toda simples que, como no campo do *free jazz*, a improvisação constante joga (no campo – se

se pode dizê-lo – do futebol), um papel primordial, com a inspiração e a imaginação criadora dando livre curso permanentemente, nenhum jogador não se rebaixando a repetir o mesmo gesto, a mesma finta, ou a repetir a si mesmo, por mais prazer que sentisse, ou tivesse qualquer espectador, o espectador estando como que ausente, assim mesmo também como o conceito de espetáculo – mas isso só surpreenderá os não brasileiros, todos obnubilados pela única dimensão espetacular do futebol brasileiro – no quadro de uma atividade, aqui, o futebol, onde todo mundo ativamente participa, cada um a sua maneira, de uma atividade que implica uma comunhão de todos de modo quase permanente, aquela de todo mundo, de todo um povo, verdadeiramente de todos aqueles, brasileiros ou não, que dela participem, como se, aí, todo mundo sempre jogasse futebol, como outrora na República democrática do Congo todo mundo cantasse e dançasse, mas somente – diferença capital! – porque um ditador de nome Mobutu tenha querido, tenha acreditado poder assim dar ao mundo a imagem (enganadora) de um país onde todo mundo vive feliz e não com a espontaneidade de todo brasileiro se dedicando à prática do futebol, ainda que por lá, mais de um, cantando e dançando, tenha acabado por esquecer de Mobutu, para se entregar ao prazer do canto e da dança prazerosamente, como ainda agora se supõe que os muçulmanos, não importa onde estejam ou o que estejam fazendo, orem, porque o Islã espera, é verdade, por isso todos, quase todos, estejam decididos a orar o tempo todo – não que o façam todos sem exceção, mas esta questão muito complexa não poderia ser tratada aqui – por amor ao Islã, e se todo o povo do Brasil jogasse futebol, mas é porque, desde que este jogo ou esporte foi introduzido, os brasileiros, eles próprios, as pessoas do país, os nativos (como se diz) e, provavelmente, até os brasileiros por adoção, como se sabe, foram dele excluídos – e como não importa quem o saiba, não importa quem, excetuados os pais obtusos, os mestres ignorantes, os padres dogmáticos, os policiais e os militares que só sabem dar e receber ordens, trata-se de ordens perfeitamente débeis, os magistrados e os juízes autoritários, porque complexados, e os legisladores analfabetos, não há melhor incitação que a interdição ou a exclusão – e que têm, sem dúvida em razão disso mesmo e talvez bem antes que o estrangeiro racista, colonizador e dominador não os convide a se juntar a ele no estádio, jamais por amizade, simpatia ou humanidade, como terão podido ter muito ingenuamente acreditado, um momento, algumas crianças do país, mas por causa da insuficiência de jogadores para organizar uma partida, ou sobretudo, para deles zombar, ridicularizá-los, lhes administrar uma prova suplementar de sua inferioridade, tão sólida sua convicção (aquela do colonizador em território conquistado) de ser imbatível em todos os pontos e muito mais ainda, por uma mais forte razão, no contexto de um jogo onde ele, o inventor, é como naturalmente realizada em todo lugar, e sempre triunfar contra todo bárbaro (no sentido etimológico), contra todo “alóctone”, contra todo meteco, contra qualquer selvagem, contra toda pessoa ou todo grupo de pessoas cuja inferioridade manifeste, considerando os signos de diferenças da insígnia exibidos que poderiam fazer acreditar mais em animais do que em seres humanos, apesar de sua aparência de

humanidade não poder ser posta em dúvida, num primeiro tempo, procurado satisfazer seu desejo de imitar o senhor, tanto mais para tentar a ele se assemelhar, de fazer como ele – história de lhe mostrar que não é tão superior como acredita ou pretende – que, para, eventualmente fazer melhor que ele, para superá-lo – história de lhe fazer compreender que, se bem que tarde chegados na cena do futebol, eles não são menos, eles, os brasileiros, superiores aos jogadores ingleses – muito antes, tendo entretempos inventado uma técnica toda brasileira o drible, menos para encontrar falhas no jogador adversário que para evitar sofrer os perigosos efeitos de sua ira diante de qualquer contato físico com ele, mesmo acidental, operando assim a mutação que iria levar à criação que o mundo inteiro iria, um dia, chamar o futebol brasileiro, de verdadeiramente ter reinventado o futebol até, de fato, inventar um novo jogo sobre os escombros do antigo cujo atrativo havia enfraquecido e que, se desencadeava e desencadeia ainda o entusiasmo, alhures, na Europa, sobretudo, não interessa mais verdadeiramente a ninguém e não apenas aos brasileiros, não interessa mais a todos aqueles que se apaixonam realmente pelo futebol – apesar das reviravoltas desde a Copa do Mundo de 1970, desde que o essencial do futebol não é mais o próprio jogo, mas apenas a vitória por todos os meios e não importa por qual meio, sem contar outras considerações que nada tem a ver com o futebol em si mesmo – e para quem o futebol, um jogo todo novo que só sabem praticar bem os brasileiros e (às vezes?) os latino americanos, também, é somente brasileiro, é tão unicamente brasileiro que acham que a expressão futebol brasileiro é uma tautologia, e este novo jogo, mas este novo jogo, criado por um povo em formação lutando quotidianamente contra a escravidão e a colonização, inventado pelos membros de uma nação do futuro aos quais o colonizador não reconhecia nenhuma identidade, nenhuma humanidade e recusava toda dignidade, que permanece um pouco ainda um jogo, não é mais que um (simples) jogo, sobretudo no Brasil, desde que os brasileiros compreenderam, foram gradualmente e quase pouco vagarosamente compreendendo, sem dúvida sem muito nisso acreditar, inicialmente, que tivessem inventado um novo jogo ao inscrever no jogo antigo elementos de um novo jogo, um jogo não tendo apenas semelhanças longínquas e suficientemente incertas com o antigo, com o ancestral para que se pergunte se se trata do mesmo jogo, mas não ocultando muito suas ligações, seus laços, ao mesmo tempo, com ele, com o antigo (jogo) para quem se permita a temeridade de falar de um jogo radicalmente e absolutamente novo, se bem que, de modo bem evidente, se tratasse de um jogo sublimemente diferente, contudo, e que legitima o uso da expressão futebol brasileiro, esplendoroso como nenhum outro, bem acrobático, vindo de alhures e ao qual participam, descidos na terra, extraterrestres, senão deuses, seres que se venera em cada cerimônia do futebol, mas aos quais jamais se ousará se identificar – testemunha(ria), por exemplo, o fato de (mesmo) que se tenha, em mais de uma ocasião, falado de um Pelé branco, nunca se tenha ousado sugerir de tal jogador que ele fosse um segundo Pelé, visto que não há e nem poderia, sobretudo para os brasileiros, ainda que para eles, possa existir, – não somente porque não se identifica com os deuses, mas porque o futebol brasileiro, o futebol no Brasil, grandioso demais, sublime demais, celeste demais para ser apenas um

esporte, ou um jogo, é antes de tudo, num clima hostil determinado pelo racismo e pelo colonialismo, dominado pela violência da exploração e da humilhação, a espetacular construção – longe dos mitos fundadores com o sertão no centro das figuras tradicionais e principais, mas imaginárias, da identidade brasileira, da futura brasilidade – da identidade brasileira enquanto que autoafirmação individual tanto quanto coletiva real, quase concreta de si, enquanto expressão de orgulho de um povo, que une, ao pacificar os elementos heterogêneos internos, notadamente aqueles remetendo à raça, à cor da pele, à classe social ou econômica, a magia do futebol, é, em consequência rapidamente uma verdadeira revolução permanente – comparável a um *work in progress à la Joyce* – que é o futebol enquanto conquista e reconquista efetivas, ancoradas na realidade e nunca terminadas – por isto o caráter permanente desta revolução e a impossibilidade de que o futebol brasileiro jamais seja um estereótipo – da identidade e da dignidade bem reais, isto é, de forma alguma fantasmagóricas, nem tampouco fantasmáticas, de um povo, e que permite dizer que é o futebol que deu origem ao povo brasileiro que o recriou brasileiro, individual e coletivo ao mesmo tempo, não sem acompanhá-la, a dita permissão, da injunção de não esquecer que o futebol deve ao futebol brasileiro de ser o jogo bonito, que o futebol brasileiro ele próprio deve ao Brasil que o cria e que ele cria, deve ao povo brasileiro, deve particularmente a estes extraterrestres, a estes imortais que são, entre outros e sobretudo a Leônidas, Ademir, Didi, Vavá, Pelé, Garrincha (ele mais que os outros, muito mais que a todos os outros reunidos), Nilton Santos, Gilmar, talvez também Amarildo, muito certamente a Tostão, Zico, Sócrates, Ronaldo, e Neymar, para citar apenas estes, não somente estas múltiplas vitórias estrondosas obtidas nessas Copas do mundo brilhantemente conquistadas, um futebol jamais o mesmo, continuamente se reinventando, mas bem mais ainda a conquista sempre renovada de sua identidade, de sua liberdade e de sua dignidade, do mundo mesmo por todo um povo tomado pela paixão criadora que lhe inspira o que antes dele era apenas um jogo (no sentido corrente do termo, mas que, com ele (este povo) e, desde então, se transforma em transe libertador, o que é milagroso e faz lamentar que o futebol brasileiro não tenha (ainda?) no Brasil, estendido e propagado seus efeitos além do estádio, além mesmo do Brasil para produzir uma revolução permanente total, o lamento se acentuando pelo fato de o futebol brasileiro, que praticamente matou o futebol tradicional, o futebol tal qual se entende, o conceba e habitualmente o imagina, ainda que sem acabá-lo, esteja ele mesmo, desde um meio século, talvez, digamos desde 1970, em agonia, não seja mais, mais frequentemente e constantemente demais, sendo a sombra dele mesmo – todos os esforços bem reais (em 1986 e em 2006, por exemplo) para fazê-lo reviver plenamente em todo seu mágico esplendor e toda sua superlativa grandeza, não obstante –, invadido que está pelo espetáculo, esmagado pelo que se poderia chamar de europeização, pelo que alguns tem qualificado de mundialização e cujo cúmulo dramático, humilhante, incompreensível, foi atingido, talvez, no próprio país do futebol em 2014 contra a Alemanha, com o horror, infinitamente pior que a humilhação da derrota totalmente inesperada de 1950 contra o Uruguai, já no Brasil, de um desastre apocalíptico que tem deixado estúpido todo um

povo no sentido etimológico tanto no sentido corrente desta palavra, o que Neymar, ausente da partida por causa de uma ferida, resumiu perfeitamente dizendo que não compreendia, que ele não compreendia mais o que se passava, mas talvez que no futebol brasileiro, então quase moribundo, renascerá maravilhosamente, como o fez oito anos depois após o choque terrível de 1950, quando Garrincha – que, enquanto o Brasil era derrotado pelo Uruguai no Maracanã, tranquilamente começava a pescar longe do Rio – acompanhado por Didi, Vavá e Pelé deram ao Brasil a primeira Copa de futebol do Mundo, na Suécia, e, então, saberemos, em dois anos (em 2022) no Catar, se, enquanto o Brasil se fazia laminar e pulverizar pela Alemanha em 2014 em Belo Horizonte, se ali não havia um rapaz, que não tinha ainda dezessete anos, longe de lá, longe de Belo Horizonte, se entregando ao prazer (doloroso e cruel para mais de um) da pesca...

Traduzido do francês por Humberto de Oliveira





Garrincha, Didi, Vavá

I

Não sendo o futebol nenhuma brasileira invenção
 No Brasil conheceu a suprema revolução
 Que, de um jogo banal, fez uma arte de extrema
 Virtuosidade, símbolo de perfeição

Muito mais que isso, de toda uma nação,
 Ou quase, o futebol torna-se a própria arma
 Contra os excessos do estrangeiro de cara pálida
 Sedento de injustiça e de dominação.

Porque no Brasil, este jogo, para o escravo um meio
 Foi de provar ao senhor sua inferioridade
 Face àqueles que ele tratava vinte vezes pior que aos cães.

Ainda agora, ele exprime a liberdade
 O desejo no pobre que sonha grandeza
 para si, para seu país, e também o esplendor



Garrincha x URSS, mundial 1958

II

Garrincha, bola no pé, sublime mágico,
Tal um deus no estádio, milagres realizou.
Como para se divertir, tendo o esquecimento único
Para inspiração, do que não é olímpico.

Para muitos e não apenas para os brasileiros,
É o maior de todos, pelo futebol engrandecido.
Ele que fez sua arte serenamente enobrecida,
Garrincha que, na terra, sabia ser aéreo.

O drible no Brasil foi no início uma técnica
Para fugir a qualquer contacto com um adversário
Capaz de reações terrivelmente satânicas

Mas, graças a Garrincha e ao fervor
popular que suscitou, o drible, logo em arte
do Brasil, irradiante estandarte se tornou.



Leônidas da Silva. Acervo/Gazeta Press

III

Antes de Didi, Vavá, Pelé e Garrincha
da lendária equipe do Brasil na Suécia,
a primeira que o título mundial levantou
já o grande Leônidas da Silva brilhou.

Aquele que, um dia, a bicicleta inventou,
« Diamante negro », apelidado por seus amigos cuja ajuda
Inútil era para quem a si mesmo se sucede.
É também aquele que o futebol samba criou.

Está na origem do mito do mágico
brasileiro, jogador de futebol, artista enfeitiçador,
Por todos admirado, mesmo por aqueles que nada-enxergam

Diz-se mesmo dele que tinha um talento
inteiramente brasileiro, e também hoje
Por este dom, todo seu, se lhe agradece.



Waldir Pereira, o Didi, durante jogo da seleção brasileira no estádio do Pacaembu, em São Paulo

IV

Dentre todos o maior, talvez seja Didi,
Seguramente como jogador, bem mais como ser humano.
Porque, ainda que fosse esplendidamente sobre-humano,
o jogador era de uma muito doce simplicidade.

Flamejante, sem querer, evoluindo sem empurrar,
Trazia a vitória certa
Quase sempre, e com certeza, cada vez que a mão levantava
Mesmo quando para a cobrança lhe mandavam.

Onde quer que fosse, Didi sempre oferecia uma imagem
De majestade ou ainda de santidade,
O apanágio, em todo o tempo, dos autênticos sábios.

A genialidade deste homem de fato consistiu
em fazer de um esporte bobo um soberbo ato de amor
O que ele fazia sem e não sem alguma marca de humor.



Vavá, Didi e Pelé, 1958

V

O *jogo bonito*, expressão que se deve
a Didi, só tem sentido no Brasil, esta terra
onde, bem mais que uma religião, um mistério,

É o futebol que une, como a mão aos dedos.
Um povo do qual se poderia com razão afirmar
que ele é como o solitário criador.
E que é graças ao futebol, esse novo Júpiter
Que o Brasil agradecido habilidoso sabe ser.

A expressão que testemunha o jeito brasileiro
A folha seca, é um poema que Didi
Num estádio, com um mágico passe de bola criou.

Uma linguagem, um ritual que combina o dito
e o feito, o dizer e o fazer, tal no Brasil
é o futebol, uma festa que se diria paradisíaca.



Pelé enfrentando a Suécia , mundial de 1958

VI

Edson Arantes do Nascimento, o nome
De um eterno rapaz rei do futebol tornado,
pela única virtude de seu talento reconhecido,
Por todo o universo que só sabe o seu apelido.

Pelé, de longe superior a Agamenon
que todo um exército levantou para ser reconhecido
como vingador de Troia, que só de uma bola precisou
para no topo do mundo fazer seu nome brilhar.

Uma vida onde o real os limites ultrapassa
da ficção, entretanto, inimagináveis:
é bem esta de Pelé, que tudo sobrepassa.

Nele, a realidade, incomensurável,
toma ares de mito, ou verdadeiramente, de epopeia,
um quotidiano de maravilhoso revestida.



Oscar Niemeyer

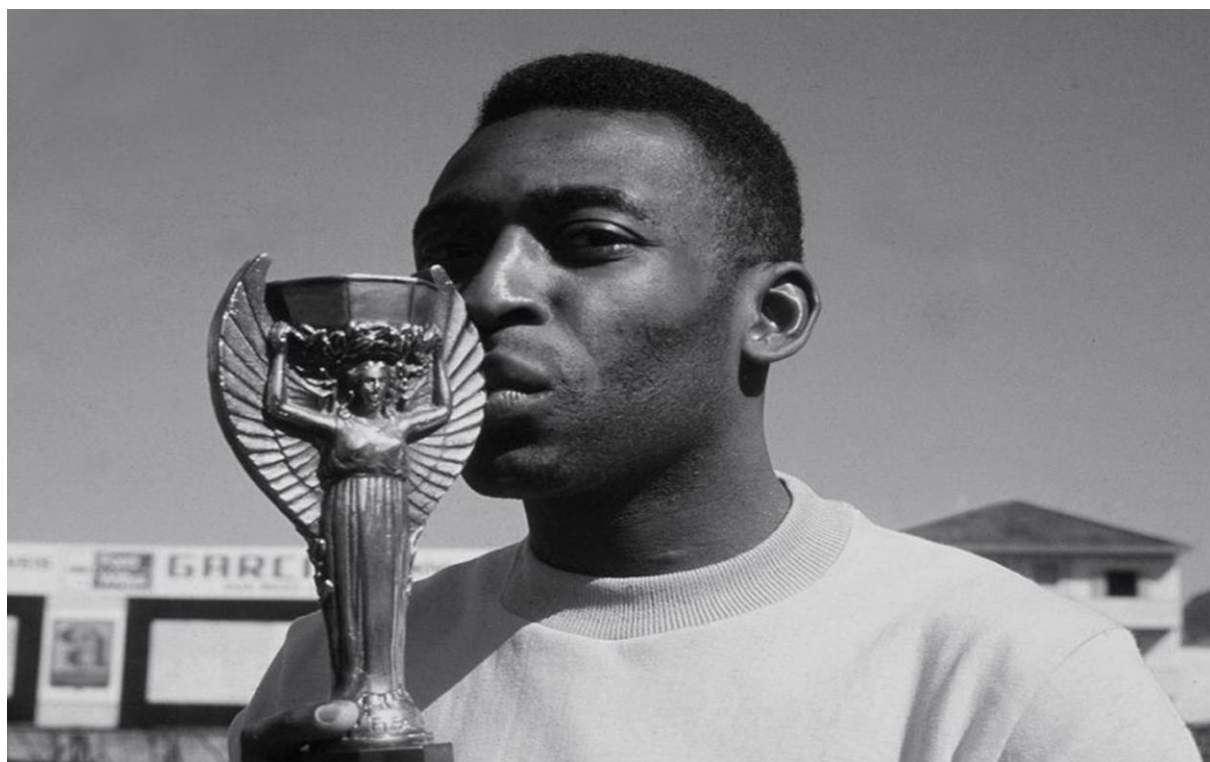
VII

O futebol é um esporte povoado de muitos deuses,
Sobretudo no Brasil, onde às vezes, chega um
Que, melhor dentre todos, se torna divino como nenhum,
Tal como Pelé, reverenciado por todos e em todo lugar.

Não é como se ele tivesse se despedido,
Dito a Deus, pois os brasileiros são, com certeza
Todos crentes, tomando tal jogador
por um santo
Algumas vezes. E, para eles, o mais brasileiro é Deus.

Ele não é jogador de futebol, mesmo sendo brasileiro;
ou melhor, arquiteto ele é, e se chama Niemeyer.
Do nada, o milagre Brasília ele criou,

Brasília, sinônimo do enigma Niemeyer,
No silêncio sempre mergulhada apesar dos ruídos
Da cidade; mesmo de dia, de noite recoberta.



Pelé e a taça

VII

O futebol, de início, era apenas um esporte grosseiro ;
Mesmo agora ainda é considerado vulgar.
Feito para o povão, para as classes populares,
Bem indigno para alguns, apenas para balconistas.

Freud acha que para poder este esporte apreciar
É preciso ser homófilo, ou segundo outros, militar;
Borges, indo mais longe, o julga autoritário,
Francamente estúpido, para lamento dos policiais.

A grandeza do Brasil é de ter do futebol feito,
Um jogo quase no sentido do ilustre Mallarmé,
Deslumbrante, deixando o mundo todo estupefato.

Porque o futebol aí se escreve, nunca programado:
Constantemente diferente, sempre imprevisível,
Ao ponto que o jogador se torna invisível.



Maracanã

IX

Que o futebol seja em verdade escritura
E nada mais que espetáculo, como se tende a crer
A escutar aqueles que o gostariam de fazê-lo acreditar,
É no Brasil que significa esta aventura.

Mas os tempos mudaram e uma caricatura
Do futebol brasileiro, desvanece a memória
De seu glorioso passado sob algum funesto moiré,
Substituiu seu antigo vestuário.

Não obstante, a lembrança não está morta
De um jogo onde cada gesto, apenas esboçado
Incontinente se apaga, levado pela morte.

Mesmo se repentinamente, amavelmente irritado
um outro gesto, ou movimento majestoso, suceda
Signo que o gesto apaga, mas nunca morre.



Brasil campeão do mundo 1958

X

É sobretudo no Brasil que o futebol escritura
Se revela neste sentido que, tal qual no balé,
apenas executado, cada movimento de panturrilha,
do jogador ou da dançarina, súbito se rasura.

Tudo se passa como se em seu curso, sua tortura,
todo passo só pudesse permanecer incompleto :
Um toque no ar, nada mais que um fogo fátuo,
porque qualquer passo aqui é sua própria sepultura.

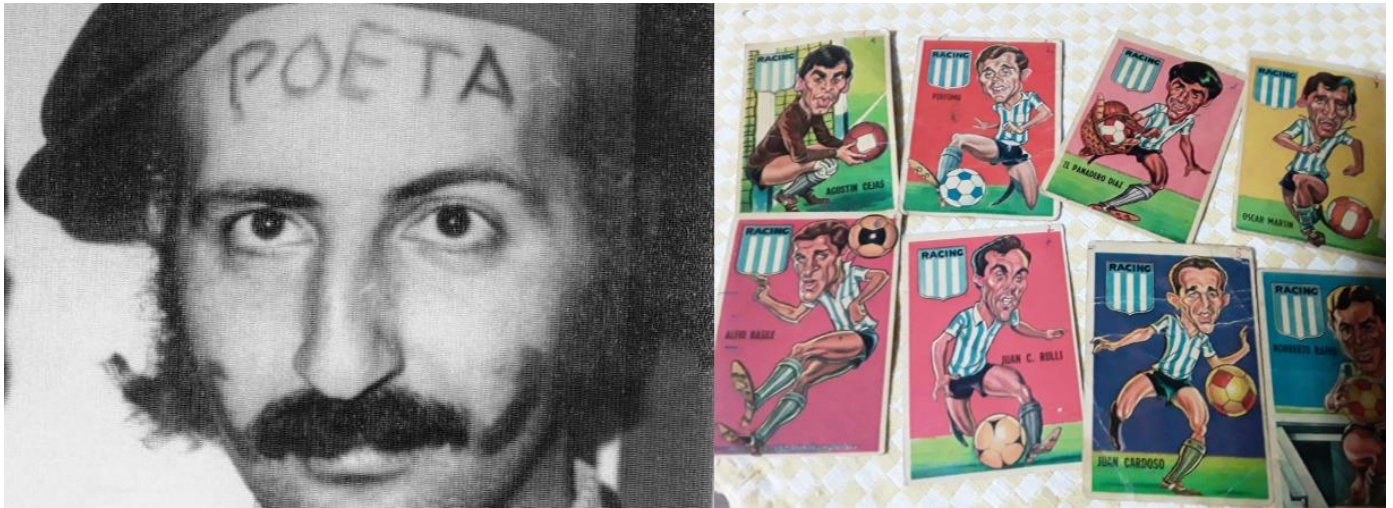
Assim funciona o escrito, assim o futebol se cria
Cada um traçando em cada passo para a morte, a via,
A morte que a vida carrega, face a face toda a vida.

O futebol encena o comboio da morte,
A beleza da vida que morre em cada instante,
como uma bola no gol, no estádio o clamor.

Traduzido do francês por Humberto de Oliveira







Figurinhas de Santoro

AS FIGURINHAS DE SANTORO

Julián Scher² 1 junho, 2021

E ele recitava sem recomeçar, sem respiro. Como recitamos os grandes axiomas da vida. Roberto Santoro abria a gaveta de sua escrivaninha no apartamento da rua Fraga, olhava os cartões que ele tinha entesourado só pela paixão de fazê-lo, fechava os olhos para não se desconcentrar e entoava com cadência de poeta: Cejas, Martín, Perfumo, Basile, Díaz, Rulli, Mori, Maschio, Cardoso. Enfim, se propugnamos a revista como livre é por ser uma revista que quer romper com o pensamento colonial que hierarquiza o conhecimento, etiqueta a produção Raffó e Rodríguez. Esse Racing, seu Racing. Essas figurinhas, suas figurinhas.

Neneca, a irmã de Santoro, perseverante guardiã de maravilhas, achou em plena pandemia as 11 figurinhas impolutas na mesma gaveta onde Toto, o apelido de Roberto que ela ainda usa, acumulava retalhos de suas pátrias mais profundas.

Quando, a meados de 1976 o terror das botas dominava as ruas do bairro de Chacarita, Santoro era pai de Paula, era militante do Partido Revolucionário dos Trabalhadores tinha publicado *Literatura de la Pelota* [*Literatura da bola*] –esse livro que marcara um antes e um depois quanto ao laço entre o futebol e as palavras–. Quando as políticas de miséria planificada implementadas por José Martínez de Hoz [ministro da fazenda da ditadura] começaram a foder a existência de milhões, Santoro caminhava por Buenos Aires convencido de que a beleza e a revolução tinham que derrubar paredes, tinha fundado junto a outros companheiros de Letras a Revista *Barrilete* e denunciava o ridículo de viver num sistema no qual uma pequena minoria explora as grandes maiorias. Santoro era tudo isso e fazia tudo isso, mas nada daquilo que ele era e nada daquilo que ele fazia o impedia de sentar na frente de sua escrivaninha

² <http://www.elfurgon.ar/2021/06/01/las-figuritas-de-santoro/>

e repetir o ritual de recitar aqueles sobrenomes que se tinham tornado de forma inamovível sua rotina desde 1967. O diretor de cinema Luis Buñuel o explica assim: “É preciso ter começado a perder a memória, mesmo como se ela fosse só retalhos, para perceber que essa memória é isso que constitui toda a nossa vida”.

Emilia Santoro (Neneca), recita o poeta:

https://www.youtube.com/watch?v=pMjwmE2mXjk&ab_channel=ArchivoTeayDeportea

Santoro, que não podia imaginar que a memória se transformar-se-ia num dos alicerces a partir do qual vastos setores tentariam reconstruir a Argentina logo depois do terror da ditadura, entendia muito bem quanto da identidade podia caber numa camisa. “Eu tenho ainda na cabeça a imagem de seus gritos no setor popular do estádio sem por enquanto ele se preocupar com mais nada”, contou o poeta Vicente Zito Lema. Neneca, a irmã de Santoro, perseverante guardiã de maravilhas, achou em plena pandemia as 11 figurinhas impolutas na mesma gaveta onde Toto, o apelido de Roberto que ela ainda usa, acumulava retalhos de suas pátrias mais profundas. Todas aparecem numeradas com caneta vermelha perto do ângulo superior direito da imagem: o 1 é para Cejas; o 2, para Perfumo; o 9, para Raffo. Não está a figurinha do Chango Cárdenas. No lado oposto às caricaturas dos jogadores, uma pequena resenha sobre a trajetória de cada um deles. Quantas vezes ele as terá lido? Ficou impressionado com o fato de que Maschio calçava 43?

-E dá-me muita raiva que vocês, as novas gerações, não tenham podido conhecê-lo. Meu irmão era uma pessoa muito especial.



Racing Club : https://www.racingclub.com.ar/club/nota/2017/03/6947_roberto-santoro-la-memoria-de-un-poeta-racinguista/

“Roberto Santoro. Sangre Grupo A, factor Rh negativo, 34 años, una hija, 12 horas diarias a la búsqueda absurda, castradora, inhumana, del sueldo que no alcanza. Dos empleos. Vivo en una pieza. Hijo de obreros, tengo conciencia de clase. Rechazo ser travesti del sistema, esa podrida máquina social que hace que un hombre deje de ser un hombre, obligándolo a tener un despertador en el culo, un infarto en el cuore, una boleta de Prode en la cabeza y un candado en la boca”.

Santoro e una genialidade de 471 caracteres só.

O gol de Chango Cárdenas, em cores:

https://www.youtube.com/watch?v=pUoDIk0vMII&ab_channel=PabloN.Ruiz

O projeto genocida sabia exatamente qual seria a parte da sociedade que planejava exterminar. Santoro decidiu não *exilar-se*, procurou sobreviver na clandestinidade, ouviu infinidade de jogos de Racing num rádio surrado e continuou militando por um país e por um mundo sem opressores nem oprimidos. Foi sequestrado em 1º de junho de 1977 da escola onde ele trabalhava como preceptor. Desde aquele dia, ele é um dos 30.000. Racing, numa decisão feita pública em 19 de março de 2021, restituirá o estatuto de sócio aos sócios e às sócias detidos-desaparecidos. Obviamente, a Santoro.

Neneca assegura que ela seguirá procurando o carnê de seu irmão, porque deve estar em algum lugar, mesmo se ela acha que Santoro poderia bem tê-lo na carteira quando os militares o sequestraram.

Já faz 44 anos. E as suas figurinhas estão ainda aí

Traduzido do espanhol por Cristina Santoro





Juan Cardoso

O FUTEBOL

Roberto Jorge
Santoro

Dançarino,
de bêbado pé,
assobiador
quem o vê
brincando aos poucos
acariciando
pondo balé no corpo
levanta a bola
a empurra
a desliza
enche-a de dengos
a enrola com o outro
pé
a faz girar
no ar
de calcanhar, mesmo
que nem se vê
a faz voltar
domina-a no peito
e quando cai
desliza
sua perna

de forma rara
a faz morrer no pé
que nela pisa

adormecida no chão
toca-lhe
e levanta voo
a bola e o balé
que antecipadamente
com um passe
lhe manda encolher-se
a protege
que pelo sapato
do outro não seja vista
a faz girar
e não mais a tem
está saltando
no ar
lhe diz com a cabeça
que vá para o outro
que a deixa
que a espera no outro pé.

Literatura de la pelota
(1971) [Literatura da bola]



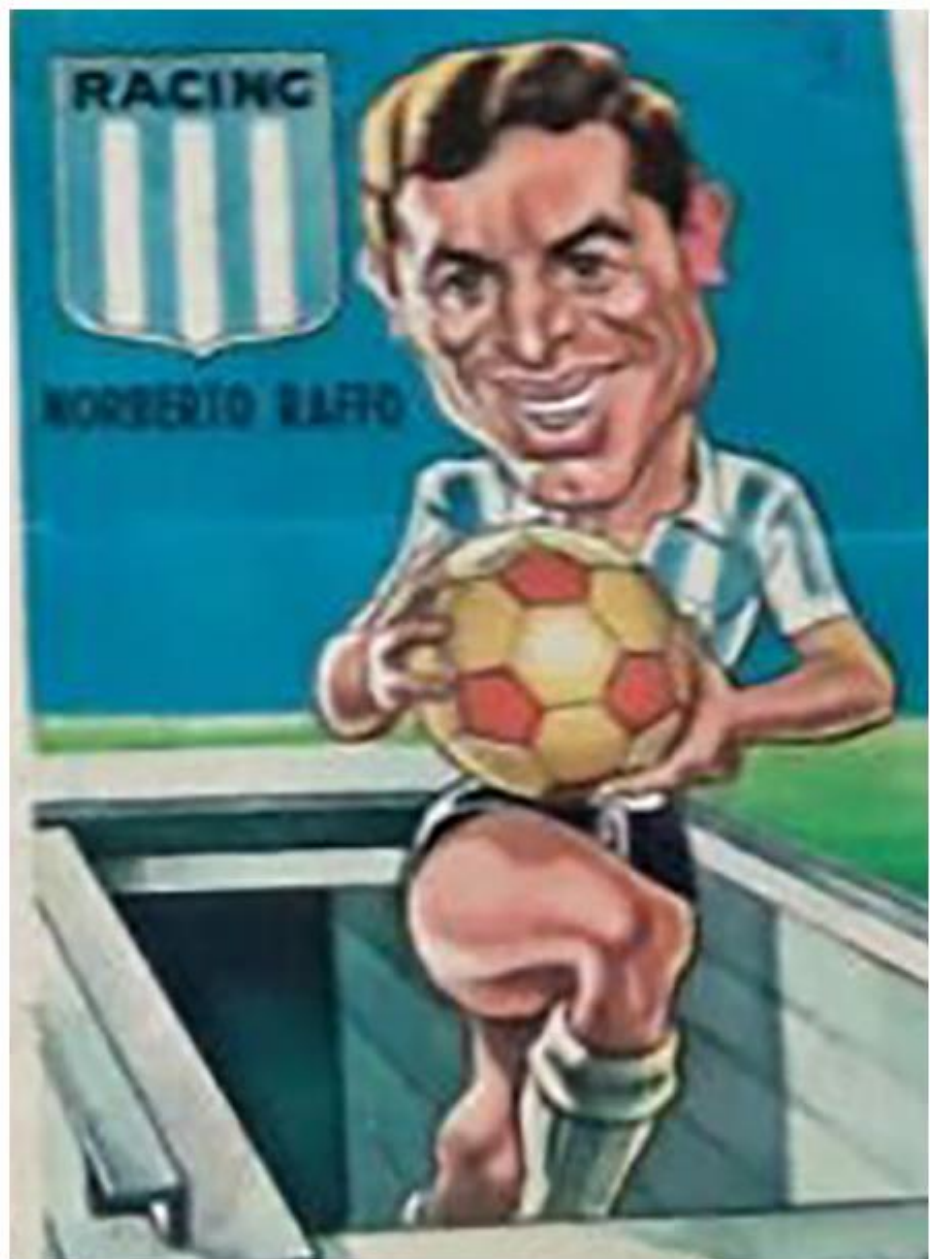
Traduzido do espanhol por Humberto de Oliveira

MINHA PÁTRIA ESTÁ VIVA**Roberto Jorge Santoro**

minha pátria está viva
quando escrevo
foge pela caneta
invade minha camisa
menina
inventemos o amor com
aquilo que ficar
é preciso buscar
não perder tempo

minha pátria tem forma
de poema
tem que levá-la
crucificada no osso
ajudá-la a sair
amá-la e desamá-la
então algo acontece
se cortou o fio de
repente
minha pátria é jovem
como eu
tem suas dúvidas

Literatura de la pelota
(1971) [Literatura da
bola] Traduzido do
espanhol por Cristina Santoro

**Noberto Raffo**



COLABORADORES

Angelo Riccell A. C. Piovischini: reside em Feira de Santana, Bahia, Brasil. Mestre em Desenho, Cultura e Interatividade (2018, PPgDCI-UEFS). Graduado em Letras com francês (2016, UEFS). Graduado em Letras com inglês (2009, UEFS). Professor de línguas estrangeiras. Pesquisador voluntário do Núcleo de Estudos Canadenses e do Centro de Estudos em Literaturas e Culturas Franco-Afro-Americanas (UEFS). Poeta.



Santoro: Cristina Santoro: Possui graduação em Tradutorado Literário e técnico-científico UBA -Universidad de Buenos Aires (1997), graduação em Profesorado Francês - Aliança Francesa de Argentina (1987), graduação em Atualização pedagógica e didática do ensino língua em Alliance Française de Paris (1987). Professora ELE (Español lengua extranjera IES -Instituto superior de lenguas vivas). Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2008). Doutorado em Letras e Cultura (UFBA, 2018). Atualmente é professora espanhol-francês/intérprete e tradutora em: EOL (Escola de orientação lacaniana) /Aliança Francesa de Argentina - Emaús Argentina e internacional - Universidad Del Salvador, Buenos Aires - IES. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras e tradução literária.



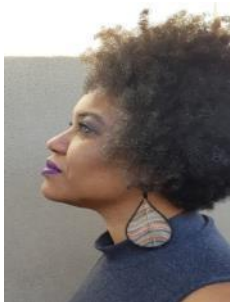
Christine Jacquet: Possui graduação, mestrado e doutorado em Sociologia e Ciências Sociais pela Université Lumière Lyon 2 (França). Desde 1998 reside no Brasil, onde atuou como professora visitante na Universidade Federal do Ceará, antes de ser professora efetiva na Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Sergipe. Tem experiências principalmente nos seguintes temas: construção das trajetórias biográficas, criminalidade violenta, socialização familiar e mobilidade social.



Elaine Costa: Doutoranda e Mestre em Estudos Linguísticos; Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidade Digital e Intercambista - Universidade de Santiago de Compostela - Espanha (PPGEL/NEIHD/AERI-UEFS/USC). Experiência docente com ênfase na Competência Comunicativa no ensino-aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira no âmbito didático do EM e em cursos preparatórios para o exame de proficiência DELE/SIELE, respaldado no MCER com foco no Intercâmbio profissional, estudantil e acadêmico.



Humberto de Oliveira: Nascido em Feira de Santana, com formação em Filosofia (UCSAL) e Letras com Francês (UEFS), Mestre em Letras (UFBA), Doutorado em Literatura Comparada (Université d'Artois-França) e com pós-doutoramento pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura contemporânea, pela UFBA. Contista, ensaísta e tradutor, acaba de escrever seu primeiro romance: *Crônicas de uma infância no Sertão: memórias de uma família brasileira*. É o idealizador da revista digital www.revistacadernosdosertao.wordpress.com.



Juciane Reis: Profa. Substituta (UEFS). Doutoranda em Literatura e Cultura (UFBA). Mestra em Estudos Literários (UEFS). Licenciada em Letras com Francês (UEFS). Concentra os seus estudos dentro da Adaptação Cinematográfica, Estudos Comparados, Interartes e Tradução Intersemiótica, Intertextualidade, Memória e Identidade Sociais. É autora de prosa e poesia.



Julien Dourgnon: professor de ciências sociais e ex-assessor do ministro da economia da França. Ele publicou em 2017: *Renda Básica, porquê? Como?*. Ele mora na Bahia, no Brasil desde 2018.



Luciano Ferreira de Souza: Mora em Coração de Maria, onde dirige a Biblioteca Professora Dulce Figueiroa que ele otimizou como espaço multicultural. Licenciado em Letras com Espanhol (UEFS) é poeta cordelista e já publicou, dentre outros, os seguintes livros: *O eleitor e os santinhos da política*, *Mulheres da minha vida*, *Nas brenhas do sertão*, *ABC de Jorge Araújo*, *Rodolfo Coelho Cavalcante: um presente pra Bahia* e *A história de Zé Parafuso, o eleitor cacete*.



Ramanujam Sooriamoorthy: Ensinou a língua francesa por mais de trinta anos em sua ilha Maurício natal, tendo participado e realizado conferências em várias partes do mundo, especialmente sobre o francês. Ele é intérprete, tradutor e ensaísta e goza de reputação de ser também filósofo e poeta – embora ele próprio não confirme ser nem poeta, nem filósofo. Sua produção bibliográfica conta com participações em uma quinzena de antologias de poesia e onze publicações de sua própria lavra. *Bruynes*, sua última obra, foi beneficiada com um prefácio de Jean-Luc Nancy, falecido em 23 de agosto de 2021. *Pas à reculons* e *Offrandes* são duas outras obras poéticas de sua autoria.



Ronaldo dos Santos da Paixão: é pós-graduado em Desenho pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Atua como fotógrafo, designer gráfico free lancer e também responsável pela projeto gráfico e editoração gráfica da Revista Cadernos do Sertão.



Takiko Nascimento: Professora aposentada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia onde lecionou Língua francesa na graduação, pós graduação e em programas de extensão. Incansável batalhadora pela difusão e divulgação da língua francesa, Takiko Nascimento sempre emprestou sua competência para assegurar e impulsionar vários projetos, inclusive como tradutora das revistas Portal e Cadernos do Sertão.

**APOIE NOSSA REVISTA
FAÇA UMA DOAÇÃO**

PayPal Brasil :

2008humberto@gmail.com

PIX :

2008humberto@gmail.com